



ARTIGO ORIGINAL

ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE INTERNATO DE MEDICINA NO INTERIOR DO PIAUÍ

Daniel Victor Silva Soares¹, Edla Camila da Conceição¹, Jefferson Torres Nunes², Lizandra Melo de Araujo¹, Pedro Gabriel Araujo Pereira Itapary³

RESUMO

Objetivo: identificar a prevalência de sinais e sintomas de ansiedade e depressão em estudantes do internato de Medicina e possíveis fatores associados. **Métodos:** Estudo observacional transversal em alunos da primeira turma de internato do curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí (CSHNB) com aplicação de questionário com avaliação estatística após aprovação Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Piauí. **Resultados:** Foram avaliados 20 estudantes de medicina do 10 período do curso com média de idade de 27 anos ($\pm 3,5$). A prevalência de sinais de ansiedade foi de 50,0% com predomínio em homens, de cor parda, de outros Estados, que moram com familiares/cônjuges, com parceiro fixo, com afinidade por alguma religião, que faziam uso de álcool bem como de medicamento para a ansiedade. Já em relação aos sinais de depressão, a prevalência foi de 35%, prevalecendo alunos do sexo masculino, de cor parda, de outros Estados, morando com familiares, com afinidade religiosa, parceiro (a) fixo, que não usam medicamentos pra depressão e usam álcool, sendo esta última variável estatisticamente significativa. **Considerações finais:** Foi evidenciado uma alta incidência de sinais de ansiedade e depressão em alunos de primeira turma de internato de medicina, estando sinais de ansiedade e depressão ligados ao consumo de álcool.

Palavras-chave: Ansiedade; Estudantes de Medicina; Depressão.

ABSTRACT

Objective: To identify the prevalence of signs and symptoms of anxiety and depression among medical internship students and possible associated factors. **Methods:** This was a cross-sectional observational study conducted with students from the first internship cohort of the Medical School at the Federal University of Piauí (UFPI/CSHNB). A questionnaire was applied, followed by statistical analysis, after approval by the Research Ethics Committee involving Human Subjects at the Federal University of Piauí. **Results:** A total of 20 tenth-semester medical students were evaluated, with a mean age of 27 years (± 3.5). The prevalence of anxiety signs was 50.0%, predominantly among male students, of mixed race, from other states, living with relatives or partners, in stable relationships, affiliated with a religion, and who reported alcohol consumption and use of anxiety medication. Regarding signs of depression, the prevalence was 35%, with a predominance among male students, of mixed race, from other states, living with relatives, religiously affiliated, in stable relationships, who did not use antidepressant medication but reported alcohol or illicit drug use—the latter being a statistically significant variable. **Conclusions:** A high incidence of signs of anxiety and depression was observed among students from the first medical internship cohort, with both conditions associated with alcohol consumption.

Keywords: Anxiety; Medical Students; Depression.

1. Discente do curso de medicina da Universidade Federal do Piauí. Picos-Pi, Brasil.
2. Médico. docente do curso de medicina da Universidade Federal do Piauí. Picos-Pi, Brasil.
3. Médico. Graduado no curso de medicina da Universidade Federal do Piauí. Picos-Pi, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Aproximadamente 322 milhões de pessoas vivem com depressão e 264 milhões com ansiedade (WHO, 2017). As taxas de transtornos psiquiátricos são mais elevadas em estudantes de Medicina do que na população geral e em outros grupos acadêmicos (Leones et al., 2019), visto que, muitas vezes, a jornada acadêmica está associada ao enfrentamento de situações estressantes, tais como o medo do fracasso, o receio diante de um mercado de trabalho criterioso e as exigências familiares, que favorecem o surgimento de alterações psicossociais como depressão e ansiedade (Leitão; Moura, 2023). Esse cenário pode ser explicado pela glamourização ou idealização da profissão médica, o que gera frustração quando os estudantes se deparam com os inúmeros desafios inerentes ao ensino médico (Ottero et al., 2022).

Estima-se que aproximadamente 15% a 25% dos estudantes universitários apresentem algum tipo de transtorno psiquiátrico durante a formação acadêmica (Cavestro et al., 2006). Dentre esses transtornos, os depressivos e os de ansiedade são os mais frequentes (Vasconcelos, 2015). Como os estudantes de Medicina são mais propensos ao desenvolvimento de depressão e ansiedade, esses transtornos podem impactar diretamente o desempenho acadêmico, reduzir o vigor físico, levar ao descuido com a própria saúde, provocar declínio da empatia e da ética e aumentar a ocorrência de erros. Sob a ótica dos determinantes sociais, o cotidiano da graduação médica apresenta inúmeros fatores de risco para o desenvolvimento de alterações psiquiátricas, como o estresse crônico, a ansiedade constante, a dependência de álcool e outras drogas, além do endividamento. Soma-se a isso a exposição dos acadêmicos a situações potencialmente estressantes, como a exigência de infalibilidade, ambiente competitivo, longas jornadas de atividades, contato direto com o sofrimento humano e mortes de pacientes (Sacramento et al., 2021).

As exigências da escola médica favorecem o surgimento de sintomas depressivos desde o início do curso, intensificando-se nos dois últimos anos da graduação (Duarte et al., 2022), período

caracterizado pelos estágios obrigatórios, conhecido como internato. O presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência de sinais e sintomas de ansiedade e depressão em estudantes do internato de Medicina e possíveis fatores associados.

2. MÉTODOS

Foi realizado um estudo observacional com delineamento transversal, envolvendo todos os alunos da primeira turma do internato do curso de Medicina da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB), no mês de março de 2022, no início das atividades letivas. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário anônimo, online e restrito aos alunos, após a leitura e aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário continha variáveis sociodemográficas e educacionais, além da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS), instrumento de fácil aplicação, composto por 14 questões intercaladas entre ansiedade e depressão, com boa sensibilidade (70,8% a 80,6%) e especificidade (69,6% a 90,9%) (Andrews, Hejdenberg e Wilding, 2006).

Os escores da HADS variam de 0 a 21 para cada subescala. Participantes com escores inferiores a 7 são considerados sem sinais clínicos significativos de ansiedade ou depressão; entre 8 e 10, com sintomas possíveis (falso-positivos); e acima de 10, com sintomas sugestivos de transtorno. Esse instrumento foi inicialmente utilizado para avaliar sintomas de ansiedade e depressão em pacientes hospitalares não psiquiátricos, passando posteriormente a ser aplicado também em pacientes ambulatoriais (Andrews, Hejdenberg e Wilding, 2006) e em indivíduos saudáveis (Botega et al., 1995).

Os dados foram salvos automaticamente em uma planilha do Microsoft Excel. Posteriormente, foram importados e analisados com os softwares Epi Info™ 3.5.1 para Windows™ e SPSS, versão 12. Foram construídas tabelas de distribuição de frequência das variáveis estudadas, sendo calculadas medianas para as variáveis

contínuas de distribuição não normal. Para o cálculo de associação entre variáveis categóricas de exposição e desfecho, foi inicialmente realizada análise univariada, utilizando-se o teste do qui-quadrado ou o teste exato de Fisher, quando indicado, com nível de significância de 95%.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Piauí (CAAE: 59881322.4.0000.8057), e todos os procedimentos éticos propostos e aprovados foram rigorosamente seguidos pelos pesquisadores, conforme orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Foram avaliados 20 estudantes de medicina do 10 período do curso com média de idade de 27 anos ($\pm 3,5$), 60% (12) do sexo masculino, 70% (14) procedentes de outro Estado. Em relação à moradia, 40% (8) moram com familiares ou conjugue, 30% (6) com amigos e 30% (6) moram sozinhos. A maioria (70%) referiu possuir parceiro(a) fixo(a). No quesito religião, 80% (16) afirmaram ter alguma religião, 65% (13) relatam uso de álcool eventualmente e 30% (6) relatam uso de drogas psicoativas.

A prevalência de sinais de ansiedade de 50,0% (n=10) com predomínio em homens, de cor parda, de outros estados, que moram com familiares/cônjuges, com parceiro fixo, com afinidade por alguma religião, que faziam uso de álcool bem como de medicamento para a ansiedade (tabela 1).

3. RESULTADOS

Tabela 1. Razão de prevalência de sinais de ansiedade em estudantes de medicina.

	Ansiedade		RP (IC95%)	P
	Sim n (%)	Não n (%)		
Sexo				
Feminino	3 (30,0)	5 (50,0)	1	
Masculino	7 (70,0)	5 (50,0)	0,64 (0,62 – 4,61)	0,65
Cor				
Parda	7 (70,0)	6 (60,0)	1	
Preta	2 (20,0)	0	1,24 (0,48 – 3,19)	0,60
Branca	1 (10,0)	4 (40,0)	0,37 (.06 – 2,30)	0,22
Procedência				
Picos	1 (10,0)	0	1	
Outro estado	6 (60,0)	8 (80,0)	0,86 (0,19 – 3,88)	0,70
Outro município	3 (30,0)	2 (20,0)	1,2 (0,25 – 5,70)	0,71
Mora				
Familiar/cônjuge	5 (50,0)	3 (30,0)	1	
Amigos (as)	2 (20,0)	4 (40,0)	0,53 (0,15 – 1,86)	0,29
Sozinho	3 (30,0)	3 (30,0)	0,8 (0,30 – 2,09)	0,53
Parceiro (a) fixo				
Sim	9 (90,0)	5 (50,0)	1	
Não	1 (10,0)	5 (50,0)	0,26 (0,04 – 0,98)	0,04*
Religião				
Sim	9 (90,0)	7 (70,0)	1	
Não	1 (10,0)	3 (30,0)	0,44 (0,07 – 2,56)	0,29
Uso de álcool				
Não	2 (20,0)	5 (50,0)	1	
Sim	8 (80,0)	5 (50,0)	2,15 (0,62 – 7,50)	0,16
Medicamentos para ansiedade ou depressão				

Não	6 (60,0)	8 (80,0)	1	
Sim	4 (40,0)	2 (20,0)	1,15 (0,68 – 3,56)	0,32

Fonte: Elaborada pelos autores. 2025.

Já a prevalência de sinais de depressão foi de 35% (n=7), onde prevaleceram alunos do sexo masculino, de cor parda, de outros estados, morando com familiares, com afinidade religiosa, parceiro (a) fixo, que não

usam medicamentos pra depressão e usam álcool ou drogas ilícitas, sendo esta última variável estatisticamente significativa. (tabela 2).

Tabela 2. Razão de prevalência de sinais da depressão em estudantes de medicina.

	Depressão		RP (IC95%)	P
	Sim n (%)	Não n (%)		
Sexo				
Masculino	5 (71,4)	7 (53,8)	1	
Feminino	2 (28,6)	6 (46,2)	1,07 (0,66 – 1,74)	0,77
Cor				
Parda	4 (57,1)	9 (69,2)	1	
Preta	1 (14,3)	1 (7,7)	0,88 (0,27 – 2,83)	0,83
Branca	2 (28,6)	3 (23,1)	0,96 (0,56 – 1,65)	0,88
Procedência				
Picos	1 (14,3)	0	1	
Outro estado	4 (57,1)	10 (76,9)	1,13 (0,35 – 3,63)	0,83
Outro município	2 (28,6)	3 (23,1)	1,08 (0,31 – 3,80)	0,90
Mora				
Familiar/cônjuge	4 (57,1)	4 (30,8)	1	
Amigos (as)	1 (14,3)	5 (38,5)	1,13 (0,58 – 2,20)	0,71
Sozinho	2 (28,6)	4 (30,8)	1,08 (0,59 – 1,98)	0,79
Parceiro (a) fixo				
Sim	6 (85,7)	8 (61,5)	1	
Não	1 (14,3)	5 (38,5)	1,03 (0,63 – 1,70)	0,88
Religião				
Sim	6 (85,7)	10 (76,9)	1	
Não	1 (14,3)	3 (23,1)	0,97 (0,56 – 1,66)	0,91
Uso de álcool				
Não	0	7 (53,8)	1	
Sim	7 (100)	6 (46,2)	4,30 (1,64 – 9,83)	0,04*
Medicamentos para ansiedade ou depressão				
Não	5 (71,4)	9 (69,2)	1	
Sim	2 (28,6)	4 (30,8)	0,99 (0,51 – 1,94)	0,98

Fonte: Elaborada pelos Autores, 2025.

Em relação ao consumo de álcool, 100% dos estudantes com critérios positivos para depressão e 80% daqueles com critérios positivos para ansiedade afirmaram consumir essa substância.

4.DISSCUSSÕES

Os discentes desta amostra apresentaram uma prevalência de sinais e sintomas de ansiedade de 50%, valor acima da média encontrada na literatura, que é de aproximadamente 33,8% (Quek et al., 2019). Um estudo realizado com 1.339 alunos evidenciou uma prevalência de sintomas de ansiedade de 30,8% (Sacramento et al., 2021), percentual bem inferior ao observado nesta pesquisa. Muitas vezes, essas divergências podem ser explicadas pelas diferenças regionais e culturais, pelas metodologias utilizadas e pelos instrumentos aplicados para coleta de dados.

É consenso que o curso de Medicina é considerado um dos mais exigentes, demandando do aluno elevado esforço e dedicação aos estudos, além de envolver alta competitividade (Arnold e Carvalho, 2015). A ansiedade é uma condição debilitante que tem aumentado entre estudantes de Medicina. Por isso, é necessário maior atenção a esse grupo, já que a ansiedade pode afetar negativamente o desempenho acadêmico, contribuir para a evasão do curso e prejudicar o desenvolvimento profissional (Quek et al., 2019).

A depressão, por sua vez, é uma condição médica comum, crônica e recorrente. Está frequentemente associada à incapacidade funcional e ao comprometimento da saúde física e mental. Trata-se de um transtorno de humor multifatorial que envolve aspectos afetivos, motivacionais, cognitivos e neurovegetativos, os quais devem ser considerados no diagnóstico e tratamento (Hepgul et al., 2013).

Na análise das características da amostra, observou-se maior número de homens com sinais de ansiedade e depressão, o que diverge da literatura, que geralmente aponta maior prevalência desses transtornos entre mulheres (Sacramento et al., 2021). Em estudo realizado em dez instituições de ensino superior na Croácia, também foi observada predominância de distúrbios psiquiátricos em mulheres (Milić et al., 2024).

A média global de prevalência de depressão em estudantes de Medicina (28,0%), identificada em uma meta-análise de 77 artigos, foi inferior à encontrada nesta

pesquisa (35%) (Puthran et al., 2016). Outro estudo, com 176 estudantes, evidenciou taxa de 65,1% de sintomas depressivos, superior à relatada neste trabalho. Tal resultado pode estar relacionado ao diagnóstico prévio, busca por serviços de saúde, insatisfação com o curso e à necessidade de bolsas de iniciação científica para complementar a renda (Costa et al., 2022). Nesse mesmo estudo, altos níveis de ansiedade foram encontrados em 42,1% dos estudantes, tendo como principais fatores de risco a baixa renda mensal e a idade inferior a 25 anos.

A formação médica exige uma rotina diária exaustiva, que inclui deslocamentos, privação de sono e limitação de tempo para lazer e vida social (Trindade e Vieira, 2009). Soma-se a isso o contato frequente com o sofrimento, a dor e a morte, fatores que também contribuem para o estresse. Essa exaustão física e emocional dificulta o autocuidado e eleva o risco de sintomas ansiosos, depressivos e de síndrome de burnout (Risal, 2011).

Situações que demandam esforço adaptativo intenso podem comprometer a saúde física e mental, bem como a qualidade de vida (Lew et al., 2019). Segundo Vasconcelos et al. (2015), estudantes afastados do núcleo familiar estão mais expostos a distúrbios psicológicos. Em Picos, 70% dos discentes são oriundos de outros estados e apenas 40% residem com familiares ou cônjuges. Contudo, Sacramento et al. (2021) observaram que residir com os pais não está diretamente relacionado ao surgimento de sintomas ansiosos ou depressivos.

Diversos estudos demonstram associação significativa entre solidão, ansiedade e depressão, indicando que essas condições podem agravar quadros clínicos de base e favorecer o desenvolvimento de psicopatologias, especialmente durante o isolamento social, quando a falta de contato com familiares agrava a sensação de solidão. A ausência de companheiro é um fator de risco para depressão grave ou extrema; já não ter filhos associa-se ao aumento do estresse e ansiedade. No entanto, esta pesquisa evidenciou achados distintos, pois a maioria dos alunos com sinais de ansiedade e

depressão possuíam parceiros fixos (Cacioppo et al., 2015).

Estudo realizado no Acre com 80 estudantes de Medicina e Enfermagem também evidenciou predominância de sintomas no sexo feminino, com maior média de depressão entre estudantes de Enfermagem e maior taxa de ansiedade entre os de Medicina, ressaltando a importância de ampliar as investigações para outros cursos da área da saúde (Santiago et al., 2021).

Outro estudo, com 2.057 estudantes da Faculdade Médica e Farmacêutica de Chongqing, não encontrou diferenças significativas de prevalência segundo o sexo. A taxa de depressão observada foi de 57,5%, superior à deste estudo, e a de ansiedade foi de 30,8%, próxima da média global (28%) e inferior à aqui registrada (Shao et al., 2020).

Pacientes com depressão frequentemente não recebem tratamento adequado. Estima-se que 70% dos casos poderiam ser prevenidos com tratamento apropriado. Em meio ao comprometimento da saúde mental de estudantes da área da saúde, há maior propensão ao uso de substâncias psicoativas, que, embora possam aliviar sintomas momentaneamente, favorecem o desenvolvimento de dependência e agravam o quadro mental (Buchman, 1991).

Em estudo realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, 56,1% dos alunos relataram uso de álcool. Outra pesquisa, com 111 universitários da saúde, demonstrou que quanto maiores os sintomas de depressão e ansiedade, maior é o uso de substâncias lícitas e ilícitas. Concluiu-se que, apesar de o álcool poder oferecer alívio momentâneo, seu uso prolongado está associado à piora da saúde mental (Beneton, Schmitt e Andretta, 2021). Em consonância com a literatura, foi observada taxa de 100% de consumo de álcool entre os estudantes com sinais de ansiedade e de 80% entre os com sinais de depressão, indicando que seu uso pode gerar prejuízos à saúde mental a longo prazo.

O estigma em torno da doença e do uso de serviços psiquiátricos representa importante barreira ao tratamento, devido ao receio de quebra de confidencialidade e à possibilidade de registros que comprometam a

reputação acadêmica e profissional (Givens et al., 2002).

O uso de escalas autoaplicáveis para rastreamento de sintomas depressivos em estudantes de Medicina constitui uma estratégia útil para identificar precocemente indivíduos em risco e encaminhá-los para acompanhamento por núcleos de apoio psicopedagógico (Murphy et al., 2002).

5. CONCLUSÕES

O presente estudo evidenciou alta incidência de sinais de ansiedade e depressão em estudantes da primeira turma de internato em Medicina, com associação entre consumo de álcool e depressão. Destaca-se o desgaste emocional do curso como um dos principais fatores para o aumento da incidência de transtornos mentais entre esses alunos.

Muitas vezes, o atual cenário afeta negativamente a vida do discente, uma vez que há pouco tempo disponível para lazer, o que resulta em sobrecarga devido às atividades curriculares e complementares. Ademais, o ingresso no ensino superior é um marco importante na vida dos jovens, coincidindo com uma fase de desenvolvimento psicossocial repleta de mudanças.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de estudos mais amplos sobre o tema, dada a limitação amostral deste trabalho, bem como a implementação de ações preventivas ao adoecimento mental durante a graduação, e de medidas terapêuticas sempre que o diagnóstico for confirmado.

6. REFERÊNCIAS

- ANDREWS, B.; HEJDENBERG, J.; WILDING, C. Student anxiety and depression: comparison of screening instruments. **Journal of Mental Health**, v. 15, n. 6, p. 573–582, 2006.
- ARNOLD, S. S.; CARVALHO, E. A. A qualidade de vida dos estudantes de Medicina da Universidade Iguazu. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 247–255, 2015. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n2e01462014>
- BENETON, M. L.; SCHMITT, K. R. L.; ANDRETTA, I. Aplicação do Inventário de Depressão de Beck e da Escala de Ansiedade de Beck em universitários da área da saúde. **Revista Brasileira de Psicologia**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 39–49, 2021.
- BOTEGA, N. J. et al. Transtornos depressivos em enfermagem de clínica médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 6, p. 431–438, 1995.
- BUCHMAN, L. R. The medical student stress syndrome. **Journal of Medical Education**, Washington, D.C., v. 66, p. 907–909, 1991.
- CACIOPPO, J. T. et al. Loneliness: Clinical import and interventions. **Perspectives on Psychological Science**, v. 10, n. 2, p. 238–249, 2015. <https://doi.org/10.1177/1745691615570616>
- CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Estudo da ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 2, p. 117–123, 2006.
- DA COSTA, D. C. M. et al. Avaliação de sintomas depressivos e fatores associados em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 46, n. 1, p. e042, 2022. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20200379.ING>
- DUARTE, E. C. et al. Saúde mental dos estudantes de medicina no internato. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 1, p. e006, 2022.
- GIVENS, J. L. et al. Stigma and the acceptance of psychiatric illness in medical students. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 190, n. 10, p. 791–792, 2002. <https://doi.org/10.1097/00005053-200210000-00009>
- HEPGUL, N. et al. The clinical significance of resilience in patients with major depressive disorder. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, v. 127, n. 4, p. 305–312, 2013. <https://doi.org/10.1111/acps.12078>
- LEITÃO, I.; MOURA, D. Ansiedade e depressão entre acadêmicos de Medicina: fatores associados. **Revista Ciência e Saúde**, v. 16, n. 1, p. 45–52, 2023.
- LEONES, S. et al. Prevalência de transtornos psiquiátricos em estudantes de Medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 3, p. 162–170, 2019.
- LEW, B. et al. Association between internet addiction and anxiety in university students: The mediating effect of self-esteem. **Journal of Affective Disorders**, v. 256, p. 39–45, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.05.060>
- MILIĆ, J. et al. Mental health among health sciences students during the COVID-19 pandemic in Croatia: A cross-sectional multicenter study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 21, n. 2, p. 254–266, 2024. <https://doi.org/10.3390/ijerph21020254>
- MURPHY, D. L. et al. Depression in the medically ill: Diagnostic and treatment considerations. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 25, n. 3, p. 703–719, 2002. [https://doi.org/10.1016/S0193-953X\(02\)00020-3](https://doi.org/10.1016/S0193-953X(02)00020-3)

OTTERO, C. L. S. et al. O ideal versus o real: frustrações e saúde mental no ensino médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, p. e034, 2022.

PUTHRAN, N. et al. Prevalence of depression amongst medical students: A meta-analysis. **Medical Education**, v. 50, n. 4, p. 456–468, 2016. <https://doi.org/10.1111/medu.12962>

QUEK, T. T. C. et al. The global prevalence of anxiety among medical students: A meta-analysis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 15, p. 2735, 2019. <https://doi.org/10.3390/ijerph16152735>

RISAL, A. Mental health and medical education: A review. **Journal of Kathmandu Medical College**, v. 1, n. 1, p. 51–56, 2011.

SACRAMENTO, M. C. et al. Prevalência de sintomas de ansiedade em estudantes de medicina: um estudo transversal. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 45, n. 1, p. e007, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200247>

SANTIAGO, L. M. et al. Saúde mental de estudantes de Medicina e Enfermagem: Um estudo no estado do Acre. **Revista Amazônica de Psicologia**, v. 15, n. 30, p. 234–246, 2021.

SHAO, R. et al. Depression and anxiety in medical students: Prevalence and correlates in China. **Frontiers in Psychiatry**, v. 11, p. 225, 2020. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.00225>

TRINDADE, L. M. D. F.; VIEIRA, M. J. Carga horária e qualidade de vida dos estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 71–79, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000100011>

VASCONCELOS, E. M. et al. Fatores associados à depressão em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação**

Médica, Brasília, v. 39, n. 4, p. 587–595, 2015. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n4e02242014>

WHO. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2017.